

NOTAS, ÀS VEZES QUASE POÉTICAS,
À MARGEM DE UMA PROFISSÃO
QUASE SEMPRE PROSAICA (*).

Pelo Dr. Rui Polónio de Sampaio

1. Leis, acórdãos, tratados, formalismos... A minha oração, à medida que me embrenho mais pela profissão dentro, é esta constantemente: «Meu Deus, fazei que a engrenagem não me triture! Que eu, para poder ganhar uma acção, tenha primeiro que escrever um poema!».

2. Ordem dos Advogados: sessão de uma Conferência que tem por finalidade, segundo parece, os mais velhos ajudarem os mais novos a vencer dificuldades. E é por toda a parte a mesma coisa: o irremediável divórcio entre os instalados e os que procuram acomodar-se, entre o ocupante de um lugar e o que tenta arranjar espaço...

Aqui, porém, a situação é ainda mais ambígua do que geralmente. Na Universidade, por exemplo, o aluno é aluno, e o professor, que é professor, isola-se na superioridade da sua

(*) Respeita, esta primeira série de notas, a impressões vividas nos anos iniciais do exercício da profissão. Daí, o cariz antiquado de algumas delas. Mantive-lhes, no entanto, para que melhor possam servir de testemunho, a fisionomia com que nasceram, rabiscadas, clandestina e apressadamente, entre duas consultas ou no intervalo de qualquer audiência...

cátedra. Aqui, onde teoricamente todos são colegas, os efectivos marcam a diferença, insultando os tirocinantes com a soberberia da sua benevolência...

3. Notas para a identificação de uma queixosa, num processo-crime:

29 anos. Uns olhos muito brancos, grandes e magoados. A voz sem timbre, só com a cor que a tristeza dá. «Eu estava à espera do meu marido e ele nunca mais veio».

4 filhos. «Dois pequeninos, gémeos, e o mais velho doente dos pulmões».

«Não. A bicicleta não sofreu nada. A cabeça dele é que ficou logo esmigalhada».

E o Juiz, que tinha pressa e queria era saber os Factos, descobrir a Verdade e fazer a Justiça, virou, com tédio e negligência, uma folha do processo e disse-lhe assim, numa voz de rotina, seca e formalista: «Sente-se para lá».

«Sente-se para lá!», gritou, num eco, o oficial de diligências.

Sentou-se para lá. E ali ficou, todo o tempo da audiência, simplesmente sentada, de olhos muito fitos e parados, a tentar compreender por que meandros tinha que passar a justiça dos homens. E por que razão, no final de contas, tinha ela que ser tão impotente e desconsolada.

4. — O Colega vai ser longo nas suas alegações?

— Depende. Nunca predetermino o tempo ou a maneira de alegar. O libelo e a defesa de um advogado devem ser, naturalmente, improvisados. O discurso jurídico é, em grande parte, uma invenção gerada na audiência, que se desenvolve e concretiza à medida da reacção de quem o ouve.

— Por mim, digo-lhe já que serei breve: a sala está praticamente vazia...

— Ah bom! Mas a diferença é essa. Eu nunca faço alegações para o público. Só falo para os juízes...

5 — Que diz a isto?

Isto — era a leitura monocórdica, inexpressiva, balbuciada, das declarações que ele fizera anteriormente. Ali estavam elas, embalsamadas no processo.

— Que diz a isto?

Que dizer? Não dissera já? Dissera, sim senhor. Quer aos diversos polícias por cujas mãos passara, quer ao próprio tribunal quando para lá foi remetido. E protestara, com veemência, contra a incompreensão, a desconfiança, a secura dos ouvintes. Preso porquê? Que mal fizera por descer a Rua dos Clérigos, numa tarde amável de Inverno, a olhar as montras e as mulheres? Acontece, porém, que já estivera preso, uns anos antes!... Bom: pagara, não pagara? Dera com os ossos na cadeia, pois dera? E, ao fim, não lhe tinham dito que estava livre? Simplesmente, um cadastrado não pode passear durante as horas de trabalho; tem de estar enclausurado na oficina ou no escritório e, acabado o serviço, tem de ir, veloz, fechar-se em casa; se assim não for, a sociedade corre perigo... Mas que diabo é isto? Um homem pode regenerar-se, pois pode? E mesmo regenerado — ou até por isso — pode ter pouca sorte, não é? Pode estar desempregado, contra a sua vontade, desanimado com as sucessivas portas que lhe batem na cara, angustiado ao pensar no dia de amanhã... Um homem que não tem trabalho pode, a uma hora de trabalho, andar (melancolicamente, é verdade...) à procura de trabalho... Pode ou não pode? NÃO PODE, NÃO SENHOR. Põe-se-lhe o ferro na carne e pronto: vadio!... Com esta marca no lombo, já um homem tem a liberdade de trabalhar o resto da vida, numa penitenciária ou numa colónia agrícola.

— Que diz a isto?

Mas onde estava então o relato das palavras que dissera: as suas explicações, os seus apelos, as suas revoltas? «À pergunta que lhe foi feita declarou...». E a declaração lá se encontrava. Mas nem a reconhecia, de tão desfigurada e seca. Lembrava-se de ter observado ao escriba que o principal não fora registado. Critérios! Porque o escriba retorquira, com

maus modos, que pusera no papel o essencial e que o resto não interessava. Frases!, acrescentara ainda. «Lá bem falante és tu!...».

— Que diz a isto?

Este, ao menos, não o tratava por tu. É certo que, durante a leitura, estivera entretido a olhar para o tecto e a limpar o nariz, com um dedo infatigável e comprido... Talvez não tivesse ouvido uma palavra... E, a bem dizer, nem conhecia o processo... Contudo, não era um polícia; sempre era um magistrado... Podia acontecer um milagre: podia ser que o entendesse. Perdia alguma coisa em tentar?

— Senhor doutor juiz: eu queria explicar a V.^a Ex.^a...

— Ó homem, não tem nada que explicar. Eu só lhe perguntei se aquilo que ouviu ler é verdade ou se não é...

— Verdade é, senhor doutor juiz, mas...

— Escreva lá: «Inquirido, disse que confirma as suas declarações de folhas...».

Ai o jogo era esse!... Estava então cercado, de todos os lados, por uma muralha institucional? Pois muito bem: perdido por dez, perdido por mil! Mais valia atirar-se às cegas para a frente e dizer tudo. Denunciar o sistema. Abanar o torpor das consciências. Renegar a farsa. Ao menos, os «compêres» não ficariam a rir-se...

— V. Ex.^a sabe o que é a vida de um homem segregado? De uma pessoa que nunca teve ninguém que lhe estendesse a mão? Fui preso pela primeira vez aos 16 anos. Andava numa escola nocturna, trabalhava de dia para pagar os estudos e aconteceu-me, certa vez, que dois colegas...

— Mau! Lá vem você com mais discursos! Essas coisas não são para aqui chamadas. Não tenho tempo para ouvir lamúrias. Se quer acrescentar alguma coisa às suas declarações, diga depressa. Mas deixe lá os devaneios! Deixe lá os devaneios! Vamos ao que interessa.

O filho da mãe afinal tinha razão! O que importava era calar-se muito caladinho e, lá dentro, no íntimo de si, apaixonadamente, com toda a gana dos oprimidos e dos desenganados,

mandar à merda o juiz, a justiça e a sociedade, numa magnífica e perfeita síntese da sua concepção do mundo e do seu irreversível padrão de conduta! Para fora, traduziu:

— Não desejo acrescentar mais nada, senhor doutor juiz.

— Ah bom! Até que enfim! Escreva: «E mais não disse. Lido o presente auto, o achou conforme e vai assinar». Pode retirar-se.

— Boa tarde, senhor doutor juiz.

Saiu. O juiz soltou um fundo suspiro, cheio de sono e de cansaço, e voltou-se para o manequim oficioso do arguido, que, naturalmente, não proferira palavra:

— Bolas! De vez em quando, aparecem aqui certos tipos com a mania de se justificarem!...

6. Nestes dias inúteis e compridos — quando ninguém diz nada e o nosso próprio ser se despovoa — é que eu vejo nítidas e juntas a duração e a esperança. Aquela como uma longa estrada calcinada, e esta como um sobressalto em cada curva...

7. No fim da audiência, o meu desencanto exprimiu-se numa fórmula queirosiana:

— Sobre a nudez esbelta da Justiça, a beca grosseira do Direito!

8. Veio com a mamã ao meu escritório. E a propósito das tropelias de menino (pobres livros meus desarrumados; pobres papéis traumatizados; pobre de mim, impedido pela cortezia de me extroverter em acoites pedagógicos), a mamã contou e eu fiquei a conhecer esta história edificante:

— Para o menino, os criados não eram seres humanos como ele. Os criados cheiravam mal, os criados eram preguiçosos e boçais, para os criados qualquer comida servia, os criados gostavam de tudo, como os porcos. Criados eram escravos, nascidos para trabalhar e obedecer. Os criados tinham uma linguagem diferente da dos patrões. Havia até doenças próprias dos criados: as lombrigas, por exemplo...

Até ao dia em que o menino apareceu atacado de lombrigas...

9. Toda a noite com insónias, a cismar na inutilidade da vida, nesta tristeza de quem sabe que toda a esperança vai desaguar na morte, e agora entro aqui, no bulício do tribunal, neste crepitar de paixões, e já não sou capaz de reincarnar a angústia de há pouco. Alguém chama por mim. A vida é de novo soberana. O sol e a luta restituíram-lhe os direitos. E apesar de sentir que tudo isto é disfarce e fuga e esquecimento do drama, o certo é que este espectáculo dinâmico e vital me faz renascer um sorriso, como uma flor a rebentar na árvore que desperta após o pesadelo de uma tempestade. Vida!, prostituta ardente e mercenária, — volto sempre à tua cama, após cada traição acontecida e descoberta!

10. A capa e a batina estão, há muito, arrumadas na arca... Agora, quando vou a Coimbra, é com a toga no espírito ou no braço... E então, passo pelas ruas da cidade antiga, encostado às paredes quanto posso, apagado numa presença discreta e silenciosa de fantasma. Um pouco como o antigo namorado, que não quer ser visto sozinho e envelhecido pelo guarda do jardim que testemunhou outrora os seus amores felizes... Com a diferença de que nem eu me sinto ainda decadente, nem os anos que lá vivi foram sempre de uma ventura estreme. O romantismo da saudade não é, precisamente, um dos meus defeitos... Mas sei que, na verdade, sou intruso e anacrónico numa terra instável, continuamente renovada, onde uma vaga, mal chegada à praia, não tem mais lugar no mar que abandonou.

No entanto, vistas bem as coisas, não há razão para tristezas. Vou, de repente, numa destas excursões efémeras, colho o melhor que Coimbra me pode dar (a sua beleza natural e o contacto com algumas amizades que lá deixei), e venho-me embora na altura própria, isto é, a tempo de não ser envenenado pelo seu ópio subtil nem enredado pelas malhas das suas intrigas soalheiras e provincianas. Vou dar de beber ao espí-

rito da minha juventude, sem alienar uma lucidez adulta e um tanto melancólica...

11. Se ao menos viesse todos os dias um poema! Mas parece que secou a fonte... Tenho andado, permanentemente, a lembrar-se dos versos que escrevi há dias, como de um milagre de súbito caído na aridez de um coração vazio. E ponho-me a olhar, narcisamente, para o poço, com as pernas teimosamente agarradas à sedução de ali ficar, receoso de que, avançando, não mais tenha água para a minha sede...

12. Nunca mais esqueço aquela cena, lírica e grotesca. Vinha de uma conferência de interessados num inventário, em que, como de costume, se haviam vilipendiado os mortos e os abutres sobrevivios tinham disputado sofregamente os despojos, esquartejando-se uns aos outros... Pensava, por isso, na condição humana, abstractamente, enquanto aguardava o autocarro que me levaria a casa. Absorto, olhava as pessoas em redor, umas também à espera, outras que passavam, movidas pelos fios de uma rotina escrava. E, de repente, dois velhos, andrajosos e irmãos, surgem de uma esquina, como uma aparição. Um a conduzir o companheiro cego. Ambos com uma guitarra sob o braço. Interrompem a marcha ali defronte, incomedamente mesmo ali defronte. Um sinal — e tudo desabou. Uma canção da moda, alegre e sacudida, dessas lançadas pelos conjuntos em voga e que depois, efemeramente, são a obsessão das massas de todas as classes, uma canção jovem, fútil e italiana, nasceu-lhes, deslocada, nas gargantas e nos dedos.

E as suas vidas, frustradas e míseras, como que procuravam refúgio numa alegria fictícia, para que todos admittissem a integração dos párias no universo que os desterrara, hostil ao seu anacronismo, indiferente à sua solidão. O cego, principalmente, de cara muito erguida, animada por uma vermelhidão de doença, parecia exhibir o seu entusiasmo como a prova de

uma adesão submissa aos valores que a canção representava. Ridículo e pungente! Providencial autocarro que, aliviadamente, nos fez renascer a segurança!

13. Ouço dizer: «é preciso que os advogados se habituem ao convencimento de que o mundo se transforma, que certas atitudes teatrais da sua profissão passaram de moda» (Calamandrei, «Eles, os juízes, vistos por nós, os advogados»).

E penso: O próprio teatro deixou de ser teatral...